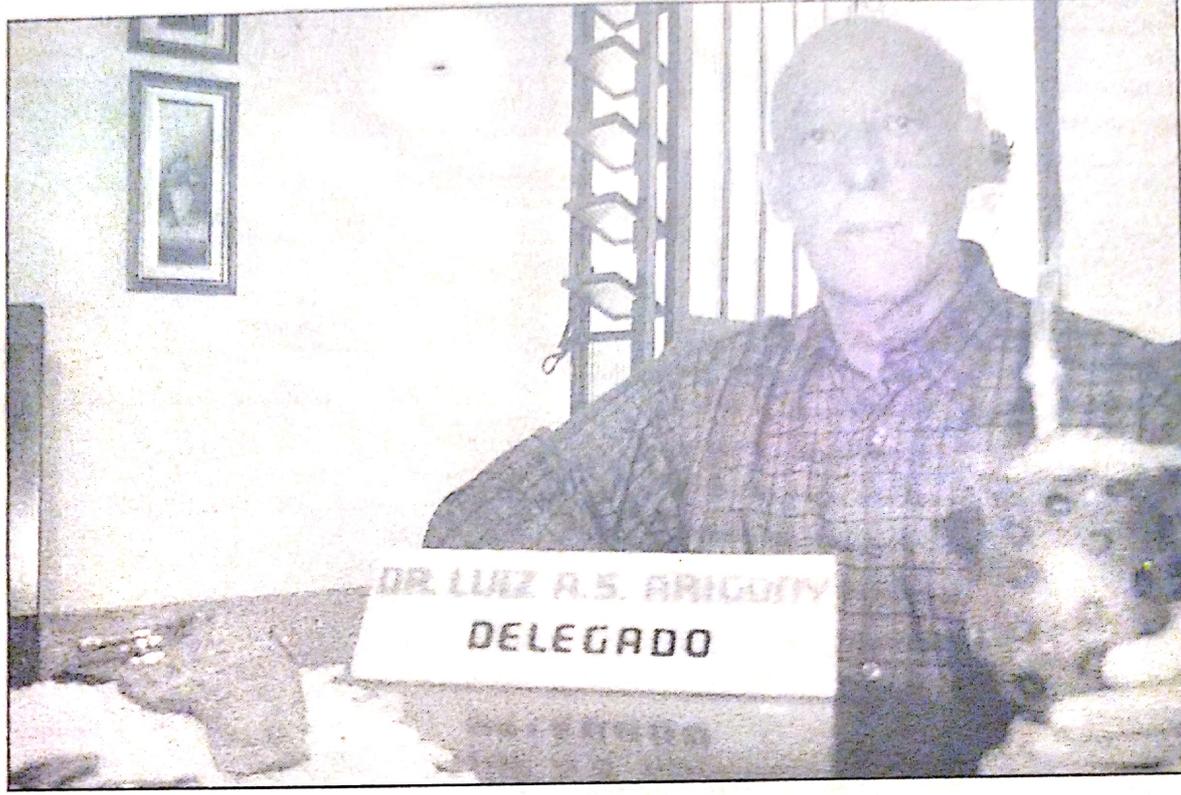


Arigony, delegado velha guarda

De escrivão à delegado Regional, policial aposentado conta o que mudou dos anos 60 até hoje



Da janela da delegacia de Polícia ou nas diligências que realizou, o delegado aposentado Luiz Antônio Severo Arigony, 64 anos, é testemunha viva do quanto a cidade evoluiu nas últimas décadas, para melhor e para pior, pelo menos no que diz respeito à segurança pública. Natural de Rosário do Sul, Arigony fez de Santa Maria seu lar oficial. Atuou em outras cidades do Rio Grande do Sul enquanto estava na ativa. Mas a maior cidade da região Centro do Estado acabou se transformando no "porto seguro" dos Arigony. E a saga da família continua, através do filho do delegado, o também policial Marcelo Arigony. Ele, e figuras como o delegado Vladimir Urach, titular do 1º Distrito Policial (DP), filho do saudoso José Ubirajaray Brizola Saix Urach e sobrinho do também delegado Luiz Tuiuti Castelo Urach, são exemplos de que a profissão, por mais árdua que seja, pode ser passada de geração para geração, não importando as dificuldades e os perigos que a atividade possa apresentar.

Arigony pai iniciou a carreira na Polícia Civil como escrivão, em Santa Maria, no ano

de 1967. "Naquela época não existia sequer asfalto na cidade. Para se chegar a Porto Alegre tinha que ser por estrada de chão. Crime, então, nem pensar. A incidência era muito pequena. Só furto simples. Arrombamentos, lá de vez em quando". As pessoas cultivavam o hábito de ficar em frente de suas residências. A porta ficava aberta. Todos se conheciam", lembra o policial, que aposentou-se como delegado Regional em 1992 e hoje curte a aposentadoria em sua residência, no bairro Patronato.

O delegado concorda que,

hoje, os tempos são outros. "Há uma inversão de valores. A violência é tratada de forma banal. O crime, a gente aprende assistindo à televisão e a Polícia não evoluiu na mesma proporção que a criminalidade. Basta olhar a volta para ver que faltam viaturas, material humano... O sistema passou a ser outro", avaliou Arigony.

Sistema, que no seu tempo, era diferente, talvez por força das circunstâncias, mas a rotina diária da Polícia Civil tinha uma sinergia maior com a Brigada Militar (BM). "Trabalhávamos unidos. Uma guarnição da BM ficava no plantão da Polícia Civil. Eram outros tempos", comentou. Na visão do delegado, em Santa Maria,

como em todo o Rio Grande do Sul, hoje é normal ligar o rádio e abrir o jornal e dar de cara com assaltos, latrocínios, roubos a postos de combustíveis e a casas de comércio...

"A Polícia Civil sentiu a necessidade de mudar e isso aconteceu em 1986, pelas mãos do delegado Regional Nelmo Boneti. Tínhamos apenas dois distritos policiais. Boneti foi à luta e conseguimos mais dois distritos. Era uma necessidade. Com as novas jurisdições, vieram mais efetivo e viaturas e as novas delegacias foram instaladas. A coisa começou a mudar, mas a cidade continuou seu processo de evolução, atraindo mais gente e se tornando mais violenta", avalia Arigony.

► "Não tenho saudades da ativa, somente ótimas recordações"

Para o policial criminalidade constitui fato social

Arigony salienta que, se hoje fosse delegado Regional de Polícia Civil e tivesse poderes para tanto, que daria um jeito, acharia uma maneira de contribuir para melhorar e aumentar o policiamento ostensivo em Santa Maria. "Hoje, incidência de crimes é maior que os recursos e a capacida-

de que a Polícia têm para investigá-los e resolvê-los. Se fosse delegado Regional, nos tempos atuais, acho que faria uma parceria para aumentar o policiamento ostensivo. Criminalidade é um fato social. Desregramento da sociedade, falta de emprego, menores abandonados, tudo isso fomenta a violência e in-

crementa as estatísticas", disse Arigony.

O policial afirma não ter saudades da ativa. "Somente boas recordações e amizades. Nem a delegacia visito mais, me aposentei, pendurei as chuteiras. Mas foi um grande orgulho e me orgulho até hoje ter servido na força policial", admitiu. Ele reforça

que a comunidade precisa acreditar mais no trabalho da Polícia e confiar nela. Quanto ao fato de ter um filho policial, Arigony garante que não influenciou em nada. "O Marcelo ama o que faz, adora a Polícia. Foi uma escolha dele e é mais um motivo de orgulho para mim", concluiu.